

HERZ OU A COMUTAÇÃO DA PENA

Ramon Domingues Maia¹

Acredito ter sido um bom homem. Não tive filhos, nem pretendo contribuir para a geração de algum; tive esposa, não desejo ter mais; não fui um bom filho, embora os problemas criados eventualmente seqüestraram o sono de meus protetores. Amigos, alguém respeitável os coleciona em profusão, na primeira juventude, e, de modo mais escasso, daí em diante. Não há, em certa idade, prazer maior que saborear o perfume de um bom cigarro, posto geometricamente entre dois cafés, principalmente, em razão de o fumo solitário ter se tornado crime de lesa humanidade. Se isso for verdade, as amizades toleráveis são as fumantes, sendo mais prudente guardar dos pais certa distância, das esposas, absoluto afastamento e dos filhos, uma ausência promissora. Definitivamente, sou alguém digno de condenação à cicuta dos homens. Defino-me como um sujeito posto entre as fatias da prudência, por sua vez, lambuzadas com a manteiga da imprevidência.

Tenho guardado uma especial aversão à prosa corriqueira. Sinto-me tensionado entre dois martírios: o silêncio e a conversa elevada. Minha dignidade é fingida e me alimento dela a cada adormecer. Sinto-me desafiado a construir os momentos de distração em que a queda no vulgar é inevitável, quando, ainda sonolento, conduzo o meu mal-estar ao botequim mais próximo para a primeira refeição do dia. Não me vejo em condições de afastar um porteiro que busca afoito, atônito alguém para comentar qualquer coisa sobre o gol perdido pelo Adriano na noite de ontem. Ou mesmo, a solícita faxineira que me informa sobre o absurdo aumento no preço da beterraba. A agonia pode se estender caso eu seja presenteado por um anjo mau; algum bovarista herdeiro do espírito revolucionário poderá me interpelar buscando convencimento sobre o melhor postulante à gerência de um país repugnante: Bolívia ou Colômbia, Brasil ou Venezuela. Trata-se de mais um prosélito encastelado em alguma burocracia por obra das mãos afáveis do favor. Não fosse a fome, essa maldita necessidade que me constrange a tolerar qualquer chato, não sairia de casa.

Observo se, dentro dos bolsos, levo tudo o que preciso. No direito da calça, o estojo para os óculos. Percebo a existência de duas solitárias moedas. Minha captura foi capaz, com o

¹Ramon Domingues Maia é mestre em *Teoria História e Literária* pela Unicamp. Atualmente, está cursando o Doutorado no mesmo programa e na mesma universidade. Foi editor da Mundo de Cetim Editora, especializada em literatura e filosofia. Publicou três livros de poemas, um livro de contos e uma novela.

indicador direito, de provocar um pequeno buraco. Transfiro as moedinhas para o bolso esquerdo, onde deverão ir todas as demais. No da camisa, irão um maço de cigarros completo, fechado, e um isqueiro com gás suficiente para acender os vinte cigarros. “Domine Iesu Christe, Fili Dei, miserere mei, peccatoris. Senhor Meu Deus, que eu possa neste trajeto não me afundar ainda mais na lama do mundo. Eu vos peço coragem para ceder à sedução do duplo. Que eu saiba responder atentamente Vosso chamado diante da multiplicidade de dobras que cada esquina, por ventura, venha me oferecer em sua bandeja de prata. Pai, afastai a corja, o vulgo, o cancro. E sussurrai em meus ouvidos o que devo proferir a cada insulto.” Confiro a válvula do botijão, também é possível que eu tenha deixado a torneira do banheiro aberta. Dou uma batida em cada cômodo da casa para garantir que nenhuma lâmpada tenha sido esquecido acesa. Fechadas as portas, ponho-me diante do elevador, suplicando aos anjos e santos que esteja vazio. Sorte. Desta vez, farei a pequena viagem sem a companhia de desconhecidos. Ao descer, o primeiro indivíduo com quem me deparo é o porteiro.

Horácio, das artes que as pessoas inventaram ao longo dos tempos, só conheceu a da maledicência. A gente só percebe isso de relance, havendo uma gradação na conversa fiada: do simples mexerico à difamação. O trabalho dele demanda a intromissão nos mais variados assuntos, que se transformam em temas para suas histórias traiçoeiras. Fica sabendo da ausência de um morador, daí passa-se a cogitação do que ele estaria fazendo por tanto tempo fora de casa, para concluir a devassidão do condômino. Da frequência de damas a determinado apartamento, segue-se à intuição de que a moradora é simpática com as mulheres, resolvendo pelo lesbianismo da senhora de noventa e dois anos. Curioso, a passagem das premissas à conclusão não se assenta em fatos ou argumentos, senão nos cinco dedos da capacidade imaginativa cujo indicador está atascado na bosta da injúria. A jovem encarregada da limpeza dos saguões e corredores do edifício poderia ser tomada como simplória, pura, inocente, veraz, humilde se não se dedicasse ao esporte predileto dos lambe-esporas. Por seu intermédio, a moradora do apartamento 1502 toma conhecimento das infinitas dívidas do filho do morador do 1706 que, por sua vez, fica a saber da doença incurável do proprietário do 1907 que, por sua vez, é presenteado com a informação de que a filha da síndica é sapatão. Imaculada é responsável, assim, pela costura de fios que, prontos na forma de um grande cobertor, são capazes de deixarem nus os pés de quem tenta cobrir os braços.

Depois de vencer estas duas trincheiras, corro o risco ainda de cruzar com seres ainda mais sacanas. Eles seguem à risca a moda que, se um dia foi alternativa, hoje é dominante. Parecem mendigos, não penteiam os cabelos, sempre falam em linguagem previsível, um jargão de casta. Usam sandálias de couro fedido, outros deixam a barba por fazer. A falta de educação é evidente. Frequentemente, mostram insatisfação, se fazem de vítimas, embora eu não seja capaz de localizar o algoz. Não os convence, em geral, os benefícios alcançados pela higiene.

Todavia, o traço que os unifica é a certeza de que o mundo começara há cem anos. Antes disso, tudo é tolice, infância, a não ser que o passado venha comparecer para corroborar qualquer atitude tresloucada do presente, mesmo através de distorções e extirpações.

Assim, a vinte metros do meu prédio, um antro como todos os do centro de minha cidade, quase diante da banca de revistas onde tenho por hábito comprar, semanalmente, dois pacotes de cigarros, um jovem revolucionário, levantado do chão, ousa me saudar. Fala muito, insinua uma familiaridade inexistente, seus lábios rachados revelam uma gosma seca no canto esquerdo da boca. Profere absurdos cuspiendo um bafo de uma noite perdida em debates intermináveis contaminados pela mentira e pelo álcool. Exala um ardido, tem os olhos ruborizados e apresenta um contorno facial próprio dos clementes.

Indivíduos assim, metidos entre minha casa e o botequim, me fazem crer, pelo menos por um momento, que as necessidades do corpo são deveras mais importantes. No limite, acreditava que o pedido destes perversos se encontrava um patamar abaixo das necessidades humanas mais simples.

Tenho por costume, em vão, utilizar dois subterfúgios. O primeiro é oferecer um cigarro à minha própria boca. Além da possível repulsa do outro, posso conquistar a impossibilidade de uma conversa por estar ocupado o bastante para não falar. Inútil tentativa, pois o que tais seres menos desejam é ouvir. O segundo representa um esforço por andar de supetão, para atropelar a quem quer que se transforme em obstáculo. Tentativa sem sucesso, porteiros e faxineiras lançam frases, palavras, sentenças chulas talvez já sabendo de minha atavias para uma polêmica. Atrazo o passo. Paro e me vejo tomado pelo zum-zum. Um dispositivo, particularmente utilizado pelos revolucionários, consiste em lançar-se à minha frente, estacando, empacando. Nunca temi em ofertar o primeiro soco mas, igualmente, nunca fui capaz de tolerar o alheio, o que me desenha como um fraco cuja honrosa saída é o pacifismo.

- E aí, beleza?

- Tudo bem.

- Sumiu. Está por aqui?

- Sempre.

- No diretório ontem, tiramos uma moção de repúdio ao prefeito pela instalação das catracas eletrônicas.

- É isso mesmo. Vou caminhando. Estou atrasado.

- Depois eu passo na sua casa pra tomar um café.

- Vai mesmo. Até mais.

- Até mais.

Dei três passos e ele, já gritando, insiste em me ensinar, mal sabendo que, das poucas coisas que aprendi nesta vida, as melhores aprendi com a dor, com o sofrimento e com a morte. Algo estranho a um leitor de panfletos.

- Vou levar pra você a última revista da fundação, você precisa ler.

Assim são as primeiras horas do meu dia. Faz um bom tempo que minha vida tem sido só aborrecimento. Quando eu era jovem, agia, tentava encontrar em alguém ou em alguma coisa um refúgio, uma solução, um destino, um começo. As mais variadas diabruras foram produzidas neste período. Tudo se transformava em pretexto para grandes encontros partidários, sexuais, ébrios – um movimento com começo mas sem fim, pois as reuniões sempre eram repostas, adiadas para datas posteriores pela absoluta impossibilidade de se encontrar o que exatamente se buscava. A chateação era contínua, motivando a procura de um artigo que, se em falta, não estava no mundo. A atribuição de vazio a tudo o mais, o despropósito das relações humanas, do orgulho e do preconceito era, na verdade, a reação do despropósito. A ausência era figura do inquiridor.

Como poderia me esquecer da obstinada militância nas mais variadas falsificações! Quando jovem, como lamento, associei-me intransigentemente a outros igualmente aloprados como uma dupla finalidade. Primeiro, tentávamos depor um chefe de Estado, acreditando, para isso, contar com um concurso de uma vanguarda iluminada de dementes, disposta a soprar ao povo os mais nobres destinos da nação. O segundo, contraditoriamente, era premissa e consequência do primeiro: a instauração de um novo regime social e político. Do novo, exatamente, pouco continha, pois se tratava de uma repetição mecânica do exemplo de variadas autocracias. Éramos quinze apostando ser os apóstolos de uma nova aurora. Assembléias, reuniões, encontros, além de muitos, eram intermináveis. Mais lamentável, acreditávamos na sublevação de trabalhadores, mas, nós mesmos, contávamos com insuprimíveis subvenções, notoriamente, estatais e paternas. Entre os muitos pontos cegos, a confiança inquebrantável era a certeza do nosso papel comandante. O que me intriga é que quase 50 anos mais tarde eu seria testemunha de um quadro semelhante inserido na história pessoal de um Herz, meu sobrinho-neto, agora, de modo radical, mais estúpido.

Rebeldias de outra natureza, mas de mesma ausência de sentido, sobrevieram na vida de Andrezinho. Esteve plenamente convicto do que considerava como o disparate da história da música ocidental. Optava pelo ruído como modo de ouvir, de afrontar seus pais e de se colocar diante da vida. O insulto, a provocação, o desprezo eram erguidos como conduta. A desavença era o objetivo mais alto a atingir. Desagradar ganha uma estilística com a deformação dos cabelos, o desarranjo das vestimentas e com uma linguagem esotérica. A tragédia só não fora

completa pela ausência de herói à altura e pela benevolente intervenção dos espectadores que deram origem ao seu autor, conduzindo-o ao esporte. Passou-se à comédia. A hostilidade, agora sim, tinha diante de si um inimigo concreto: a bola. Com o tempo, eu ansiava para que os pés de Andrezinho compreendessem que a submissão mais digna a que poderiam se submeter era à disciplina da caminhada ao léu, sem grandes propósitos, à-toa.

Vencido o revolucionário, conformo-me a andar mais 20 metros na direção do botequim. Fico esperando a autorização para atingir a outra margem da avenida. Na minha velhice, não basta a espera do bonequinho verde. Idiotas a pé não amassam carros, a jóia dos mineiros, o sentido último ao lado do apartamento, da família e das férias em Guarapari. É conveniente a espera pelo aumento do risco efetivo do dano do automóvel com a abertura do sinal para o que, lamentavelmente, avança na perpendicular. Cruzo com jovens moças que no Inverno gelado usam belos casacos e entregam os pés às sandálias mendicantes. Os rapazes, sou coagido a driblá-los, pois parece ser próprio da juventude caminhar como o limpa-trilhos ignorante do obstáculo à frente. Chego ao outro lado da avenida, ainda me submeto à visão das ratazanas penetrando pela porta da frente da padaria cuja funcionária convida os passantes à degustação de um saboroso almoço. Mais adiante, o mesmo desgraçado de ontem vem me pedir 50 centavos para comprar a passagem de volta para Divinópolis. Passo por outra banca de revistas e qual não é minha grande surpresa. Detenho-me na capa da última Playboy e que horror! De fato, o mundo está perto do fim! Um travesti! Será? Não sei. Não, tenho certeza. Aquelas pernas, aquela boca, aqueles seios. Não, não é. É, sim. Preciso comer alguma coisa.

Perto do botequim, outro inconveniente. A expressão costumeira me saúda. – Filósofo! Prontamente interrompida por uma torção corporal que inclui pescoço, omoplatas, dorsal e lombar. O quadril permanece estacado. – Gostosa, hein! De modo que deixo de ser o motivo da atenção segundos antes devotada, com o que me é permitido entrar no botequim sem que o sujeito me retenha. Sou recebido, no local em que almoço todos os dias há quinze anos, da mesma maneira elegante e delicada.

– Sumiu!

- Tem feijoadinha?

- Lourdes! Mais uma feijoada!

Talvez seja conveniente relatar antecedentes que me trouxeram a este presente sem sal. Qualquer filho-da-puta tem uma história, a mais ignóbil que seja. O decreto do desencanto do mundo me atingiu de tal maneira que meu passado dispensa o glorioso, o áureo, o mágico para tomar em seus braços o opaco, o nublado, o rasteiro.

Meu nascimento é produto de um encontro amoroso entre dois alemães: Georg e Hannah. Deram início à família Herz no Brasil. Um, fugindo do alistamento compulsório para a Grande Guerra. A outra, sonhando o paraíso em terras catarinenses. Um naufrágio e uma rota mal elaborada foram os responsáveis pelo cruzamento. Ou, mais precisamente, depois desses eventos, viriam Georg e Hannah a se cruzarem numa colheita de café no Vale do Paraíba. Por motivos que desconheço, mudaram-se, após o enlace, para um bairro têxtil de São Paulo, onde vim ao mundo e me perdi.

Tenho alguma memória da parte ensolarada da infância no Brás. Pais, só os tinha à noite, estava entregue a todas as perversões do menino sob o sol. Vidraças quebradas, mangas roubadas e muitas dilacerações das unhas do pé. Nada desse período fertilizou qualquer sentimento nobre para a vida adulta. Seja por isso, provavelmente, minha aversão à criança. Seria mais fácil oferecer à humanidade uma tradução definitiva do *Eclesiastes*, ou mesmo, sondar o desejo de uma mulher, que compreender os devaneios de um moleque. Curioso, mas a falta de senso observada na pequenez guarda algum parentesco com o presente diagnóstico do declínio dos tempos. Ontem, certo, o pirralho era jogo e angústia, folguedos e saudades. Hoje, não há brinquedo, nem tristeza, nem nostalgia. Não sou completamente alemão, nem brasileiro – caso exista uma semente a germinar nesta terra infértil.

Décadas aqui fizeram-me um mineiro. Como tal, sou místico: acredito em vida em outros estados da federação, embora a montanha seja superior às demais, não necessitando maiores explicações e manifestações desta relevância proeminente. O comércio pode nos conduzir à casa de espelhos que, de deformações em deformações, forjam um soldado raso e covarde. Após o almoço no botequim, por vezes, é do meu costume freqüentar um estabelecimento especializado em café. O neófito nos mistérios do convívio mineral tende a se surpreender, a ficar maravilhado com a cortesia do proprietário. Faz-nos imaginar que estamos sendo recebidos no seu próprio lar, dirigindo-nos palavras reconfortantes e prenhes de especialidade. Na segunda oportunidade, algo me parecia por demais estranho. Na seguinte, já possuía nítida visão do monstruoso. O trato não mudara, o serviço também não. Tudo me parecia o mesmo e, afinal, isto causava-me espécie. A captura do cliente se dava por um processo flagrante de figuração da intimidade. Encenava-se uma proximidade inexistente como método para a condução de idiotas ao cativo. Há 10 anos estou neste time.

- Satisfação em revê-lo.
- E aí, tudo bem?
- Melhor agora com sua presença que engrandece esse ambiente.
- Obrigado.

- Está escrevendo?

- Não.

- O de sempre?

- O de sempre.

Não havendo praças, a feira se metamorfoseava em alpendre de chácara. A representação de uma fictícia amizade seria a caução para a manutenção da clientela. Como bom poltrão, não me furtava a bebericar o café por lá. Eu elegia o grande empreendedor como alvo e, assim, tomava-o como um adversário de fato. Outrora, a bola fora a inimiga, agora, esta impertinente pessoa. O sarcasmo dos Herz sempre mirou nos indivíduos mais abjetos.

Normalmente, obedeço a uma pequena liturgia. Só fumo um cigarro depois de sorver toda uma grande xícara de café. No intervalo entre um e outro, aproveito a repetição do mesmo encarnada no anfitrião. Quando imagino que se esgotara o repertório da repetição, eis que adentrou no salão uma súcia digna de registro. Trata-se dos amigos de circunstância. Vão ao café a fim de desfilarem sua suposta seriedade e para jogar o papel de artistas – uma potência jamais transformada em ato. Pela gravidade, supõem-se mineiros; pela pretensão de futuro, cariocas.

- E aí, beleza?

- Beleza. E você?

- Nó! Estou cansado pra burro.

- Por quê?

- Estou trabalhando num projeto pra apresentar à Lei de Incentivo. Está ficando do caralho. Estou querendo resgatar o samba de raiz em Belo Horizonte.

- Hum.

Projeto é a palavra mágica que oculta a evidente nulidade e que fantasia um vínculo empregatício. É preciso muito cuidado, pois se uma dessas aves obtém um olhar de nossa parte, a tranqüilidade escorre por entre os dedos. Sentados, só falam de si. Ouvem por protocolo. Sou coagido a tomar conhecimento de peças, músicas, livros que um dia serão celebrizados.

- Nu! Passei a noite em claro.

- Trabalhando?

- É. Estou escrevendo uma peça que apresentarei pra tentar uma bolsa na Fundação Guggenheim.

- Hum.

- Está ficando bom. Semana que vem vou pra Itália. Em Dezembro, fico 5 dias em Lyon. Meu empresário está vendo tudo isso.

- Hum.

Há, entre estes aborrecidos, os mercadores de revista e livros de sua própria lavra, artigos pouco dignos de uma toaleta. Tenho diante de mim o artista pós-moderno, na sua mais pura negligência do passado e na fé do seu poder de demiurgo de um castelo sem fundações.

- Puta-que-o-pariu. A menina que fiquei ontem mexeu comigo.

- Era bonita?

- Não sei, ela tinha uma coisa, uma coisa que tocou fundo e não se mostrava.

- Hum.

- Aqui, olha aqui, esta revista que fizemos. Tem 14 poemas meus.

- 30 reais? Estou duro.

- Não, não, leva, depois você me dá.

Não posso me furtar a dizer, este espetáculo me agrada. Nele, percebo tudo o que quase fui. Talvez tenhamos em comum a esterilidade da tarde. Ou, sejamos nós os grandes ociosos deste início do século; de um ócio cujo tempo é aproveitado na ereção de si como obra, construto, no entanto, em que o critério é o vício, o defeito, a preservação da má formação congênita. Decidir pela escravidão do nada semear parece ser o mais belo horizonte. Depois do quarto café, levanto-me, deixo uma fortuna sobre a mesa, desfilo o meu desprezo pelo ambiente, saca mais um cigarro e saio sem destino.

A vitrine da ótica me chama a atenção. Faz-me lembrar de quando entrei numa loja pela primeira vez. Pouco enxergava, inclusive, os óculos que eu deveria escolher. Elegia qualquer um e aguardava a reação dos meus pais e da vendedora. Assim se iniciara a minha amizade mais duradoura. Marcela me convidara a uma cerveja numa tarde chuvosa em que tinha 30 anos a menos.

- Sim, tudo bem, estou de acordo.

- ...

- Mesmo se ela não for...

- ...

- Combinado. Te espero às sete.

“Já estava ansiosa para deixar o telefone no gancho e voltar à minha paz matinal. Um dos infortúnios por que passo durante o dia é a insistência dos ansiosos em falar sobre qualquer assunto.”

Não podia beber porque logo tinha um problema nas pernas, abrindo-as. Primeiro, era Narciso quem dava o tiro na coruja. Falava somente de si, contava seus efeitos extraordinários, seus sucessos imaginários, escamoteando os fracassos reais. E, depois do saldão de qualidades, entregava-se a quem melhor sabia responder às suas demandas de reconhecimento notório. Não sem antes proceder a uma rigorosa seleção, cujo critério de desempate estava diretamente associado à capacidade de conjugação entre ereção, embriaguez e renúncia de si em nome da centralidade dela no conluio em questão. Enfim, a desmedida exigia um asceta, um perito no derrame calculado de luxúria e perdição.

“Eu não o queria, achava-o sujo, maltrapilho e frágil. Mas, depois de me convidar, vamos nos iludir? ”, não tive como antepor a última restrição. Flertara comigo dias antes, quando pedia um chope no botequim do lado, numa promissora e radiante tarde de terça-feira. Agora estava aqui, diante de mim, insistindo levemente bêbado em uma madrugada de lama e ilusão.”

Todos à mesa já conheciam seus artifícios, portanto, o velho estratagema só provocava o enfado inerente a qualquer litania. O bom humor também tem por hábito revestir-se de inteligência para aquele que ainda não conhece a piada – velha artimanha para quem se acostumara a ouvir cada uma nos mesmos momentos cruciais da passagem dos pequenos aos grandes lábios. A presa, por sua vez, não se apercebia totalmente envolvida nas malhas desgastadas da armadilha. O mérito de uma grande caçadora consistia em fazer crer que era a vítima quem efetivamente capturava, subjugava, fustigava. Revestido por este véu, a preia desfilava o carretel de suas qualidades inventadas especialmente para o passeio noturno. Ela simulava encantamento por tudo isso, marcadamente pelos atributos de gourmet que se decidia, no presente momento, entre iscas de fígado acebolado e torresmos pururucados ao mel.

“Quando fixou os dois olhos bêbados em minha boca, não tive como não pensar nas manilhas que conduzem o esgoto da cidade. Imagino que dentro delas fica impregnado o olor dos dejetos transportados. Da mesma forma, fiquei a cogitar que aquele homem que cuspiam ao falar, ejetando um vapor cadavérico pela boca, possuía ductos e canais encardidos e impregnados pela passagem constante de urina e fezes, parte dos quais me enfiaria daqui a pouco.”

As amigas pediram mais cerveja, ela, mais um Domeq. A obliteração dos sentidos substituíam qualquer vestígio de lucidez pela produção progressiva de um delírio colossal. Era como se não houvesse um “antes” e, certamente, impedisse os primeiros raios de sol alertarem a todos que tudo não passava de mais um engano. Todavia, a intensidade com que cada minuto

era investido mostrava, a despeito da disseminada embriaguez, o esforço dos quatro sentados à mesa em debelar os indícios de que aquele momento pereceria.

A amiga loquaz voltava do banheiro sem se dar conta do estreito buço de vômito que cobria as nesgas do seu grosso lábio superior. Cambaleante, insistia em provar a necessidade da certeza em um mundo de dúvidas, depois de tê-lo feito, antes da toailete, acerca da necessidade da dúvida em um mundo de certezas. Na verdade, eram consensuais ambas as teses e isso era o que havia de mais próximo a uma ideia mais robusta acometendo sua cabeça adornada por façanhas do progresso tecnológico.

“Que saco! Todos ali sabiam das minhas façanhas, exceto ele. Meu charme artificialmente fabricado para as sextas à noite, meu jeito de tragar um cigarro lançando os olhos para um futuro invisível e minha fala corrosiva parecem ter iludido o jovem. Mal sabia do que vem se passando nos últimos anos.

Na verdade, já estava muito cansada da sova diária que o Júlio me impingia. Meu corpo era só hematomas. Seu ciúme havia chegado a todos os limites suportáveis. Desconfiava de minhas viagens com minha mãe quando ia acompanhá-la até Aparecida. Não entendia que meu trabalho pedia para um relacionamento intenso, embora reservado, com desconhecidos.

Até que, não mais suportando aquilo, dei-lhe uma garrafada no meio da testa, defendendo-me do seu segundo soco na boca. Resultado: hoje tenho que me apresentar todos os dias a uma creche como trabalhadora voluntária.”

Na noite do incidente, Marcela tomara por certeza um namoro inexistente com o entregador de pizzas. Chamando-o por Júlio, vociferava que não estaria suportando aquela situação de uma suposta possessão do rapaz, queixando-se de sua violência e de sua intolerância para com sua labilidade. Tentava provar seu drama com a exibição de feridas invisíveis aos olhos estupefatos do rapaz que, prestes a ensaiar a segunda tentativa de confiar a encomenda, fora surpreendido com um golpe certo de um litro pela metade de um Domecq Oro. A testa do infeliz esguichou sangue por toda a sala, inundando-a em parte considerável.

Dias após o evento, Marcela fora coagida pela mãe a frequentar um hospital-dia, mantido pela Prefeitura, cinco vezes por semana; não sem antes ter ameaçada de corte a metade de um montante que recebia com a mãe a título de uma pensão deixada pelo pai.

Ela ainda insistia em me ter em sua casa como oportuna companhia para o restante da madrugada. As duas amigas, temerosas de que o botequim fechasse, não titubearam em pedir logo mais uma. Eu parecia estar certo de minha capacidade de produzir encantamento, desconhecendo, todavia, que quem estava no comando era ela, como de resto a mulher em ocasiões similares. Pensava até que a mesa terminaria numa grande bacanal, pois cogitava, com

uma dúvida flácida, que as amigas dela estariam igualmente interessadas nos meus diminutos dotes.

Uma das amigas, dirigindo-lhe a palavra, indagava se no dia seguinte ela estaria presente às nove da manhã no hospital-dia. “Vá para o inferno, tanta coisa para ser conversada, dita, aludida... Só não arremesso esse copo porque ainda está cheio.” Ela respondeu não saber, tudo dependeria do que ainda iriam beber. A outra amiga permanecia calada, muda, talvez, desconfiando da existência do pequeno bigode com que foi premiada dentro do banheiro. Ou, depois de tantas dúvidas e certezas proclamadas, o melhor fosse nada dizer. Talvez ainda estivesse imbuída do fantasma da letargia que assolava algumas almas durante a bebedeira por alguns minutos.

Depois de alguma espera, eis a conta. Não raro entre miseráveis, a matemática necessária para se pagar cinquenta e quatro reais e setenta e seis centavos era infinita, mesmo porque uma importância considerável sempre estava faltando. As duas amigas, após o esforço hercúleo, rumaram para o botequim vinte-e-quatro-horas mais próximo, na mesma quadra, contendo o mesmo vaporoso torpor e a mesma patota ociosa e nauseabunda.

“Meu dente está doendo. Bem que o dentista disse que não podia beber. Puta-que-o-pariu, como são burras e, ele, nem se fala. Burro ou completo idiota. Não conseguiu sequer sentir o fedor da minha boca depois que eu tirei o algodãozinho do dente. Não sabe nem onde fica Macau. Pelo menos bebe Cointreau. Mas que sujeito asqueroso!”

Ela me convidou para uma esticada em sua casa, logo, ali, na esquina, uma quitinete embolorada em um prédio igualmente putrefato. Antes, contudo, sugeriu-me que buscasse uma pizza, enquanto arrumava a bagunça do sumidouro.

Desta feita, a garrafa de Domeq foi preservada em nome do sorvedouro que banhou o resto de madrugada ávido da mais perversa sacanagem. Ela se levantou ao meio-dia de um sábado ensolarado. Eu já havia me mandado. Dotou os olhos de um grande Mormaii Copacabana e desceu, soberana, com a língua ressequida e imóvel dentro da boca, à captura da Coca mais gelada da padaria estacionada ao largo do saguão do seu prédio.

“Aquele filho-da-puta levou os 50 reais que estavam em cima da geladeira. Pôxa, mas aquela grana nem era minha. Ia começar a pagar o que eu devia à Chica. Vai ter volta. Ainda ficou olhando minhas axilas com cara de surpresa pelo fato de eu não me depilar. Eu sei que aquele broxa costuma frequentar um samba perto do Mercado. Vou abrir uma buceta na testa dele. “ONU detecta sinais de queda nos índices da pobreza mundial”. E eu com isso?! “Matou a família: esqueceu o gás aberto”. Um dia, serei eu. Duvido que essa porra de banca tenha Hollywood.”

Bastava atravessar a rua e já alcançava o mausoléu de sua mãe. Era um edifício pardo, com porteiros insolentes e elevadores especialmente capacitados para o enguiço iminente. Seus pares de sapatos de salto fatchetado, cobra turquesa, cruzaram o vestíbulo ignorando a todos, inclusive à bela dupla pai-e-filho, dois barrigudos ataviados com a camisa do América. Não pôde se livrar da companhia e dos olhos conceituosos da vizinha da mãe, Dona Perpétua cujas muxibas exalavam uma mistura de leite de rosas, Hora Íntima e alcatra mal passada. Desceu um andar abaixo do desejado só para evitar a velha. Mal completou os degraus entrou abruptamente casa adentro. A mãe, como seria de se esperar, estava sentada na poltrona carcomida, mofada e adornada por fungos, ácaros e um xale roto, fumando o seu segundo maço de cigarros do dia. Tinha os olhos estáticos, os lábios semiabertos e contemplava, num apelo mudo, numa ânsia hemiplégica, o retrato de Gardel fixado na parede à sua frente. Nem sequer notou ao seu lado a filha que se deixou assistir àquela cena congelada, saída de um copião ainda por revelar.

“Que desgraça! Essa velha está cada vez mais maluca. Meu Deus, estou arrotando aquela isca de fígado. Queria me lembrar do meu pai. Fico imaginando como ele a suportou. Daqui a pouco vai dar 4 horas e eu não comi porra nenhuma. Será demência? Vai ver que ela está achando que esse na parede é meu pai. As meninas nem ligaram. A bateria do meu celular está acabando. Vou tentar engrupir a velha. Cigarro não dá no pé, algum ela tem. Acho que vou vomitar.”

Quis perguntar à mãe se ela havia feito almoço, mas desistiu diante da improbabilidade da resposta e de que observaria algum movimento daqueles pés cansados rodeados por, pelo menos, uma dúzia de guimbas. Foi embora oscilando entre dois desejos: o de comer uma coxinha de ontem na lanchonete da esquina e o de verter pela calçada boca afora o fígado acebolado deglutido na noite anterior.

Você, sabido leitor, deve estar se perguntando como soube da parte que não me cabe nesta teratologia. Na verdade, imagino que tudo tenha se passado assim. Mesmo porque, os meus anos vividos me ensinaram, não é muito difícil saber do que realmente se passa na cabeça de uma mulher, nem mesmo na dos indivíduos nascidos depois do ano 33 da era cristã. Se você insistir, meu cativo, posso lhe provar que não há nenhuma garantia de que eu esteja dizendo a verdade.

Dou mais dez passos e me encontro diante de uma livraria. Aquela que me oferece o aconchego é bem mais um sebo. Fica no mesmo conjunto predial do botequim. Os preços dos livros, no entanto, são de uma portentosa livraria. Persigo cada um com uma lasciva devoção. Antes de tudo, a paquera, a troca de olhares; em seguida, o primeiro toque, verifico os contornos dorsais, meus dedos percorrem-lhe a face, arrisco a capturar seus odores, me distancio em

busca do volume, da carnadura completa. Devolvo-o à prateleira. Miro-o distante. Infiel, promíscuo, entrego o olhar a outros e a outros mais, adensando-os em meus dedos, até retornar ao primeiro que balançou meu coração. Estou no Brilhante. Cada uma à espera da eleição, mostrando-se, sorratamente, com a porta semi-aberta, somente a lombada. A casa não trabalha com obras de primeira mão. Carregam consigo o fardo de um passado em noites brancas; sempre abertas, as páginas esvoaçam-se ao sabor da penúltima brisa. Fungos e bactérias impregnados acompanham desde o leitor voraz ao noviço em tais mistérios, pelas orelhas, verso e miolo. Decido voltar para casa, meus olhos já se dão por satisfeitos.

Na volta, decido ignorar a quem quer que fosse. Não me foi possível fazê-lo com o porteiro que me esperava com um sorriso cínico e uma encomenda nas mãos, à espera de minha rubrica no livro de registros de objetos recebidos. Troquei banalidades em nome do contentamento pela chegada dos livros. Dona Sianinha me fez companhia no elevador, tecemos comentários sobre como o tempo está frio. “Antigamente não era assim”, foi o que eu ouvi e assenti. Duas portas me separavam do gozo em passar a faca na embalagem, cortando-lhe as amarras, esgarçando virilmente o papelão. O recheio era suntuoso. Na verdade, mais que o conteúdo, o objeto me completa, me individua. Como isso é patético! Construo o único convívio possível na companhia dos vários autores. Afasto a balbúrdia, o falatório, a presença pegadiça, os estupores fatais a fim de me devolver, meritoriamente, a certa apatia em que nenhum ruído é possível, apenas um leve rumorejo dos antepassados, forjado à tinta e angústia. De fato, reconhecer a pertença à tradição é algo anódino entre aqueles que, um dia, foram meus amigos mais próximos. Talvez, por isso, nosso último encontro, margeado por chás e rosquinhas Mabel, fora pouco exitoso. As demandas da moda tornam-me, aos olhos deles, trágico, robusto e idiota. Sim, poderia dizer, antigamente não era assim. Derramei carícias nos livros, abri uma página ao léu, coleí meu nariz nela, aspirei sua doçura e deixei-os por sobre a mesa de trabalho. Fui tirar uma palha.

O rapaz deitado na cama ao lado não conseguia dormir. Fazia três dias seguidos que tentava pregar os olhos. As enfermeiras da noite já haviam tentado de tudo, inclusive a medicação mais severa. Eu não tinha problemas com o sono, mas ficava sabendo da desventura do meu colega por sua queixa no começo da manhã. É certo que seu resmungar na madrugada, por vezes, me acordava.

Ele era um bom rapaz. Estava internado por problemas diversos aos meus. O que nos unia era o sentimento de vazio diante da vida. Beбето, como era conhecido, era dependente químico de cocaína, enquanto eu, tentara dar cabo de minha pela terceira vez. Todos ali na clínica, aliás, passavam por suplícios desta grandeza.

Quando cheguei lá, não sabia o que me esperava. Uma verdadeira tropa me conduziu a esse campo de espinhos, confessando sua impossibilidade de manter laços mais estreitos comigo. Na porta da clínica, me surpreendi com o fato de que não seria recolhido a um hospital, mas a uma casa que, ao visitante inocente, escondia os porões de uma coleção de existências perdidas. Bebeto já estava por lá havia quinze dias. Outros há uma semana e minha estadia já durava quatro dias.

Os muros eram enormes, impossível transpô-los. Quartos, banheiros e salas formam um grande labirinto cuja saída conduzia à sala de enfermagem. Só víamos a tomar conhecimento da verdadeira saída no dia de alta. Curioso, não guardávamos memória da porta de entrada. As visitas pareciam nos vir por alguma passagem secreta. As janelas dos quartos traziam rijas grades de ferro. Inútil, pois nossas maiores forças estavam reservadas à difícil tarefa de levar o garfo à boca.

Neste quarto dia, quando me sentia capaz de melhor entender minha agonia e a de Bebeto, pude perceber que o segredo da doença e da cura é o sequestro do tempo. Quando doentes, experimentamos a eternidade num segundo. Na clínica, não há manhã, nem tarde, nem noite.

Se me lembro bem, no primeiro dia, meus colegas me receberam muito friamente. Um fumava vorazmente sem dar a mínima para quem quer que fosse. Outro, sentado na poltrona da sala, parecia ter os olhos roubados pela sedação. E Bebeto talvez fosse o único vivo, a demonstrar uma fúria incontrolável provocada pela abstinência de alguns dias.

O telefone celular foi o primeiro objeto confiscado. Não me lembro do segundo e do terceiro. O quarto não era propriamente uma coisa fora da clínica, mas, dentro, convertia-se em artigo de luxo, um pedaço de qualquer coisa: o passado. Ali não havia antes. Éramos todos areia de um deserto governado por um colégio de príncipes: Tegretol, Olanzapina, Amplictil e Haldol. Bebeto era o grande rebelde, o único a possuir um passado, ainda que fosse o das delícias de um comedor de coca. Não se sujeitava à autoridade medicamentosa. Provavelmente, apenas ele sonhava. Não consigo acreditar na sua vigília ininterrupta, pelo menos um cochilo ele tirava. E nessa pequena trégua, fico imaginando o que não passou por aquela cabeça. Era a sua liberdade, um mundo sem embotamento, com paisagens variadas e desejos consumados. Os submissos, como eu, dormiam, mas o príncipe montando seu cavalo não deixa chances para a aproximação de dragões, bestas-feras e fantasmas.

Os banhos aconteciam sistematicamente pelas manhãs. Chegava a ser engraçado, embora não tivéssemos disposição para o riso, nem para o choro, ver aquela romaria de indigentes em pijamas sendo conduzidos ao chuveiro. No segundo dia de internação, eu necessitava da ajuda de um enfermeiro negro, robusto, para alcançar o sabonete e para escovar

as costas, tamanha era a ação do colégio de príncipes na marcha sob a claridade. Tentei golpear o espelho com minhas mãos com incrível lentidão. O contragolpe fora desferido de modo bastante delicado, impedindo meu soco, desferindo um lance com uma contenção suave e devolvendo meu braço carinhosamente à lateral do meu corpo. Beбето era o único, naquele momento, que dispensava os cuidados da equipe. Tomava um banho rápido, rancoroso, como se o banho independente fosse uma vingança contra todo aquele aparato.

No segundo dia, sentou-se ao meu lado, para o almoço, mais um caso da toxicologia. Olhava para ele que me devolvia um olhar devagar, assim como os gestos mínimos recolhendo o pedaço de carne, partido com o máximo esforço pelas mãos trêmulas, que deveria ser lançado rapidamente à boca antes de se espatifar no chão. Só retive na memória o ensaio de pergunta pelo motivo que levava à clínica. Não sei se respondi. À mesa juntavam-se um batalhão de fanhosos e mudos envoltos na gosma seca da apatia. Sentia respirar os ares de uma litania sorumbática, uma compunção de Sexta-Feira da Paixão sem perspectiva de redenção.

Sentados havia três tipos de gente. Os de unha amarelada pela nicotina. Os de unhas sujas pelo hábito tocarem tudo o que viam no seu itinerário infinito pelas ruas. E os que roíam as unhas pela ansiedade. Beбето, é claro, pertencia a esta última turma. Eu me encaixava na primeira e tinha verdadeiro pavor pelos da segunda categoria. As amizades lá dentro seguiam esta disposição das unhas. Talvez o ódio que Beбето sentia por mim se explicaria por esta lógica, embora, certa feita, não sei se pela manhã, pela tarde ou pela noite, ele me dirigira a palavra com bastante rispidez queixando-se de que eu roncava muito.

Após o almoço, havia uma tortura sistemática, um suplício a que todos nós deveríamos nos submeter. Uma infeliz psicóloga ou assistente social insistia que fizéssemos atividades lúdicas com tintas, lápis de cor, giz de cera e cartolinas a que ela e toda uma intelectualidade à *la mode* chamavam de arte. Indivíduos lesados, entregues à hemiplegia, babando sobre o papelão, produzindo riscos e rabiscos cuja ausência de sentido não facultaria a comparação com o brinquedo predileto das crianças. O artista mais promissor era Beбето com sua coleção de caveiras, crânios ensangüentados e pirocas enormes. Consegui desenhar uma casa colorida sem uniformidade de roxo, com o que fui recompensado com um sorriso piedoso da professora, ao mesmo tempo seus olhos me prometiam a glória póstuma de um louco bem colocado por um marchand. Demorávamo-nos muito naquele inferno. Sentia-me abraçado por uma infinidade de cordas que, se não impediam o movimento, retardavam seu dinamismo. Era capaz de reconhecer todos os objetos para o desenho, até mesmo o jardim em que derramávamos nossos corpos para a feitura da tarefa. Só me era impossível dotar tudo aquilo de significação. Éramos massas gelatinosas que nada lembravam a agilidade de uma água-viva, exceto pelo veneno.

E enfim chegou o dia da grande libertação. Não imaginava para onde iria voltar, sequer desconfiava que tinha uma casa carregada de pessoas que me amavam. Da clínica só retive um último adeus do enfermeiro mais robusto.

- Beбето, júzo, hein!

Confesso, me lembro somente de alguns lances do sonho. A pança cheia de feijoada, não só me fez produzir imagens em profusão, como me manteve vigilante o suficiente para a lembrança do que atravessou minha cabeça. Se não me engano muito, sonhava que lia um livro, recitava-o, embora não conseguisse reter sua mensagem. A cada página lida, virada, o volume considerável de minha barriga ia diminuindo progressivamente. Isso mostra meu sentimento mais leal dirigido à prática de atividade física de qualquer espécie. Em tempos de vitalismo efetivo, a morte é o adversário a ser batido, deixar-se adoecer é crime hediondo e descuidar do corpo é desconhecer a verdade profunda desta fraudulenta eternidade. Não passa por minha ideia acreditar na indispensabilidade da existência para o concurso dos tempos. É este exatamente o ponto. O que está em jogo não é a expansão da indigente vida individual na direção do curso da memória completa das idades, senão que, ao contrário, a redução do diário do mundo a uma única figura singular, transformando-se a vida numa batalha incessante de pequenos repugnantes. Um sintoma desta moléstia é a ereção de decrépitos de toda sorte ao altar da melhor idade, quando o fim da vida, se não apontar para a posteridade, se limita a uma mera administração da pressão arterial, das doses certas do antiinflamatório para a artrose no joelho e da quantidade de açúcar no café-com-leite. Ou, o que está se tornando ordinário, fabular uma juventude sempiterna capaz de produzir uma pelanca sonegadora da carne putrefata.

Por mais que finja, não consigo dissimular minha atuação nesta peça torpe. Após me recobrar da soneca vespertina, entreguei-me ao meu esporte predileto. Nos últimos 40 anos, venho persistindo em sua prática, embora sinta um duplo remorso: pela convivência com a maior das fraudes momentâneas e pelo exercício de um hábito corrompido. Levantei-me, fui até o banheiro. Aproveitando um resíduo de dentífrico, escovei alguns dos dentes restantes – os não amarelados pelo café continham a pátina da meditação nicotínica. De cuecas e em mangas de camisa, posto-me frente ao computador.

Casei-me muito jovem e logo me separei. Desde então só contraí relações furtivas. À altura de algum dos meus 30 anos, renunciei à possibilidade da estabilidade amorosa. Andrezinho, meu sobrinho-neto, deixara de lado esta hipótese antes de colocá-la em movimento. Ele lançando mão dos serviços das funcionárias do prazer, enquanto eu, da pornografia eletrônica. Ele encontra nobres qualidades nas profissionais. A relação sincera que, por ventura tenha vivido, se deu com uma trabalhadora deste ramo. Contratante e parte contratada sabem muito o que desejam do outro, não há escamoteação. Não há um “eu te amo” velando a intenção

real de constituição de uma família. Vale dizer, a construção de uma linhagem supre, pelo menos, três ausências reclamadas pela noiva: a de um macho, a do dinheiro e a de um filho. Sempre adorou o perfume meretrício na jovem epiderme impregnada com a mistura de vigília e suores de outros homens. Certa feita, depois de receber alguns amigos em sua casa, por ocasião de seu aniversário, Andrezinho foi surpreendido, na alta madrugada, quando todos já haviam ido, com um telefonema de seu melhor amigo.

- E aí, meu irmão? Está dormindo?

- Não.

- Agüenta a mão que estou passando aí com seu presente de aniversário.

- Tudo bem.

Ele me disse não haver entendido muito bem o que o amigo prometera. A ligação estava ruim, atrapalhada por uma música bastante ruidosa. Minutos depois, a campainha da casa toca. Ele abre a porta e se depara com o amigo em estágio avançado de embriaguez e abraçado a duas jovens discretas com maquiagem indecorosa. A mais serelepe avança.

- Ei, neném, eu sou seu presente de aniversário!

Imagino ter se iniciado ali a genuína comemoração pela passagem de anos. De modo tão intenso que, até mesmo eu fui convocado, no dia seguinte, para compor um conjunto de notáveis dentre a família a fim de restaurar a paz com os vizinhos da casa contígua. Naquela sinistra madrugada, eles eram a estopa do candeeiro diante de um moribundo acamado que fizera a passagem no exato momento em que a orgia terminou.

Não sou dado a sacanagens assim. Depois de minha separação não me permiti partilhar intimidades. Entreguei-me à coleção de revistas, depois à de fitas VHS, passei pelo DVD e, nos últimos anos, descobri uma importante bibliografia na internet, que dispensa o ajuntamento, poupando-me espaço destinado aos livros e tempo para aquisição das obras. É fato, não via outra função no matrimônio senão a facilidade para trepar, só isso. Entendia serem complicados os antecedentes para obtenção de uma parceira. É necessário exaltar qualidades inexistentes, em si e no outro, ocultar os inumeráveis fracassos e tolerar a idiotia, que não raro, acomete uma bela dama. Em suma, há cerca de 40 anos estou entregue à punheta. No início dos meus 40 anos, aliás, costumava utilizar de um artifício que, com o passar dos anos, foi perdendo o seu charme. Pintava as unhas da mão direita com um esmalte bem vermelho. Depois de secas, sentava por cima dos dedos e da palma até que ficasse completamente dormente. Extasiava-me ao cogitar que uma jovem estivesse causando-me o prazer mais intenso. Na tarefa da rejeição da velhice, os modernos se submetem a uma promissora farmacopeia. Poderia fazê-lo, não fosse o receio de desperdiçar preciosos minutos.

Tomei uma ducha, observando os cuidados capazes de evitar a terceira fratura do meu fêmur direito. Sentei-me no sofá da minha sala, acendi um cigarro, trouxe o cinzeiro para junto de mim e fiquei à espera de Andrezinho. Ele virá à minha casa colher meu depoimento para a montagem de um livro que está preparando sobre os Herz. Prometi ser sincero, contar tudo de que me lembro. Talvez eu vá mentir um pouco para que meu sobrinho-neto corrija a tempo uma trajetória que, tudo indica, se repetirá. A mentira, se bem recitada, pode tomar a forma perfeita de uma prosa sincera.